



HAGADA DE PESSACH

HABONIM DROR

SNIF CURITIBA



Abertura do Seder - Uma Hagadá Cultural Humanista

“Por que editar uma nova Hagadá, o livro que contém a narrativa, as orações, as canções e os provérbios judaicos relativos à libertação no Egito? Porque eu queria dar um passo rumo à conversa que eu mal podia ouvir através da porta fechada da minha ignorância; um passo rumo a um judaísmo de pontos de interrogação ao invés de aspas; rumo à história do meu povo, da minha família e de mim mesmo.” (Jonathan Safran Foer – escritor norte-americano)

Por que criar uma Hagadá para o Habonim Dror? E por que uma nova? Por que não repetir a do ano passado? Jonathan Foer nos dá uma dica, queremos um judaísmo de questionamentos ao invés de respostas prontas.

A própria definição de judaísmo do Dror (cultural humanista) nos aprofunda essa resposta. Ao vermos o judaísmo como cultura, consideramos que ele é fruto da produção do próprio povo judeu e está em constante construção e transformação. Não é algo pronto, a ser reproduzido somente. Por isso, nada mais natural do que a produção de uma nova hagadá (que evidentemente está baseada nas já existentes, mas sempre com algo novo), seguindo também o exemplo dos kibbutzim, cujas hagadot voltadas para a realidade daqueles chalutzim ficaram notórias.

Somos também judeus humanistas. Assim, estamos, em primeiro lugar, preocupados com os anseios e problemas da humanidade. Por isso não basta simplesmente lembrar-se de Pessach, da escravidão, da saída do Egito. Nas diversas hagadot afirmamos que temos de nos lembrar da escravidão no Egito como se tivéssemos nós mesmos sido os escravos. Assim, nada melhor para fazermos esse exercício do que refletirmos sobre quem são os escravos e faraós de hoje, de quem e do que nós mesmos somos escravos querendo liberdade e de quem somos os faraós. Esse é o grande objetivo dessa Hagadá. Então vamos começar...



Kadesh

Primeiro Copo – Judaísmo

Bendizemos a nossa história coletiva e revolucionária e a nossa cultura, que transformaram a nossa nação em que somos hoje em dia. Nossos relatos nacionais criaram nossa consciência coletiva, formando nossa identidade e nossos valores. Nossa herança nos inspira a construir uma comunidade próspera, onde nossa cultura e nossa visão se juntam de forma holística (*Choveret de Pessach do Habonim Dror Olamit*). Por isso dedicamos o primeiro copo ao judaísmo, que essa cultura continue a inspirar nosso crescimento como seres humanos e nos ajude a manifestar nossas virtudes.

Baruch Atá A-do-nai E-lo-hê-nu Mêlech Haolám, Borê Peri Hagáfen.

Shehechyanu

Porque viver é uma luta constante entre liberdade e escravidão, entre a liberdade que nos deixa inseguros, e o desejo de segurança que limita nossa liberdade, Pesach nos lembra de que a vida é uma travessia:

Em Pesach aprendemos que o opressor tem delírios de onipotência, e para impor sua vontade quer dominar e controlar os outros para que se ajustem a seu desejo. Mas os seres humanos somos finitos e mortais.

Festejamos nossa disposição a sermos livres sem ocultar nem negar nossos medos, inseguranças e carências, e afirmamos nossa vontade de amar e aprender, e os valores da liberdade e da justiça.

Shehechyanu, ve'quimanau ve'higuianu lazman haze.

Que vivemos, que existimos, que chegamos, a este momento.

(Bernardo Sorj, Pessach 5772, 2012)

Karpás

Pode ser cebola crua, batata cozida mergulhada em água com sal, salsinha ou salsão:
Representa as lágrimas (por ser salgado) do povo judeu, subjugado pelo Faraó.

“A História Judaica nos ordena, aos judeus sionistas, construir uma nova sociedade baseada na cooperação e na divisão igualitária (yachat) da propriedade. Inclusive um pouco de vegetal, a salsa (karpas), deve ser dividida com teus amigos”. (Muki Tsur).

Um Seder para os nossos dias (Moacyr Scliar) (1988)

Esta mesa em torno à qual nos reunimos, esta mesa com as matzót e com as ervas amargas, esta mesa de Pessach com sua toalha imaculada, esta mesa não é uma mesa: é a mágica embarcação com a qual navegamos pelas brumas do passado, em busca das memórias de nosso povo. A esta mesa sentemo-nos, pois.

Somos muitos, nesta noite. Somos os que estão e os que já foram: somos os pais e os filhos, e somos também os nossos antepassados. Somos um povo inteiro, em torno a esta mesa. Aqui estamos, para celebrar, aqui estamos para dar testemunho.

Dar testemunho é a missão maior do judaísmo. Dar testemunho é distinguir entre a luz e as trevas, entre o justo e o injusto. É relembrar os tempos que passaram para que deles se extraia o presente a sua lição.

Olhemos, pois, a matzá que está sobre a mesa. Este é o pão da pobreza que comeram os nossos antepassados na terra do Egito. Quem tiver fome – e muitos são os que têm fome, neste mundo em que vivemos – que venha e coma. Quem estiver necessitado – e muitos são os que amargam necessidades, neste mundo em que vivemos – que venha e celebre conosco o Pessach.

É o legado ético de nosso povo, a mensagem contida neste simples alimento, neste pão ázimo que sustentou no deserto, e o que o vem sustentando ao longo das gerações. É preciso ser justo e solidário, é preciso amparar o fraco e ajudar o desvalido.

O deserto que hoje temos de atravessar não é uma extensão de areia estéril, calcinada pelo sol implacável. É o deserto da desconfiança, da hostilidade, da alienação de seres humanos.

Para esta travessia temos de nos munir das reservas morais que o judaísmo acumulou, das poucas e simples verdades que constituem a sabedoria do povo. Ama teu próximo como a ti mesmo. Reparte com ele teu pão. Convida-o para tua mesa. Ajuda-o a atravessar o deserto de sua existência.

Tu me perguntas, meu filho, porque é diferente esta noite de todas as noites. Porque todas as noites comemos chamets e matzá, e esta noite somente matzá. Porque todas as noites comemos verduras diversas, e esta noite somente maror. Porque molhamos os alimentos duas vezes. Porque comemos reclinados.

Eu te agradeço, meu filho. Agradeço-te por perguntares. Porque, se me perguntas, não posso esquecer: se indagas, não posso ficar calado. Por tua voz inocente, meu filho, fala a nossa consciência. Tua voz me conduz à verdade.

Por que esta noite é diferente de todas as noites, meu filho? Porque esta noite lembramos. Lembramos os que foram escravos no Egito, aqueles sobre cujo dorso estalava o látigo do Faraó.

Lembramos a fome, o cansaço, o suor, o sangue, as lágrimas. Lembramos o desamparo dos oprimidos diante da arrogância dos poderosos.

Lembramos com alívio: é o passado. Lembramos com tristeza: é o presente. Ainda existem Faraós. Ainda existem escravos.

Os Faraós modernos já não constróem pirâmides, mas sim estruturas de poder e impérios financeiros. Os Faraós modernos já não usam apenas o látigo: submetem corações e mentes mediante técnicas sofisticadas.

Seus escravos se contam aos milhões, neste mundo em que vivemos. São os negros privados de seus direitos, na África do Sul; os poetas que, em Cuba, não podem publicar seus versos; os imigrantes a quem, na Europa, está reservado o trabalho pesado e a hostilidade dos grupos fascistas; os refuseniks soviéticos que clamam por sua identidade; as mulheres e os jovens

fanatizados pelo regime do Aiatolá, os prisioneiros políticos do Chile, os famélicos do Sahel e do nordeste brasileiro, as populações indígenas lentamente exterminadas em tantos lugares; os operários explorados e os camponeses sem terra.

Para estes, ainda não chegou o dia da travessia. Estes ainda não encontraram a sua Terra Prometida. Para eles, a vida ainda é amarga como o maror. É a eles também que lembramos nesta noite, meu filho. Com eles repartimos, em imaginação, o nosso pedaço de matzá.

Não sejas como o ingênuo, que ignora os dramas de seu mundo. Não sejas como o perverso, que os conhece, mas nada faz para mudar a situação. Pergunta, meu filho, pergunta tudo o que queres saber – a dúvida é o caminho para o conhecimento.

Mas quando te tornares sábio, procura usar a tua sabedoria em benefício dos outros. Reparte-a, como hoje repartimos nossa matzá.

Segue o conselho de nossos sábios, e lembra a saída do Egito, não só na noite de Pessach, mas todos os dias de tua vida.

Chag Sameach



Ma Nishtaná

Ao invés de só cantar o Ma Nishtaná e ler sua letra, vamos nos questionar o que é a libertação do Egito, contudo, antes disso precisamos saber o que é o Egito para nós? Qual é a *sua* ligação com o Egito? Além da conexão histórica e espiritual que podemos fazer com o povo, que realmente saiu do Egito, é preciso entender o Egito como limitação, ou seja, fator externo limitante que acaba por criar uma resistência às mudanças. Nesse sentido, o que diferencia essa noite das outras? Apenas nessa noite devemos questionar nosso próprio Egito? Como indivíduos atuantes na sociedade, queiramos ou não, somos responsáveis por toda comunidade, e imagino que assim como Moisés ficou 40 anos buscando a libertação total do povo judeu, devemos nos esforçar até nosso limite para que possamos atingir o objetivo da liberdade. (*Hagadá Beit Há'am*)

Ma Nishtaná? (O Que Diferencia?)

Ma nishtaná ha'laila ha'z'é mi'col ha'leilot
She'be'chol ha'leilot, anu ochlim chametz
u'matzá
Ha'laila ha'z'é, ha'laila ha'z'é, culo matzá

O que diferencia esta noite das outras noites?
Em todas as noites comemos comida fermentada
e matzá
Esta noite, somente matzá

Ma nishtaná ha'laila ha'z'é mi'col ha'leilot
She'be'chol ha'leilot anu ochlim shear ierakot
Ha'laila hazé, ha'laila ha'z'é culo maror

O que diferencia esta noite das outras noites?
Em todas as noites comemos qualquer espécie de
ervas
Esta noite, especialmente ervas amargas

Ma nishtaná ha'laila ha'z'é mi'col ha'leilot
She'be'chol ha'leilot ein anu matbilin afilu
pa'am achat
Ha'laila ha'z'é, ha'laila ha'z'é, shtei peamim

O que diferencia esta noite das outras noites?
Em todas as noites não mergulhamos as ervas
nenhuma vez
Esta noite, duas vezes

Ma nishtaná ha'laila ha'z'é mi'col ha'leilot
She'be'chol ha'leilot anu ochlim bein iosshvim
u'bein messubim
Ha'laila ha'z'é, ha'laila hazé culanu messubim

O que diferencia esta noite das outras noites?
Em todas as noites comemos ora sentados ora
reclinados
Esta noite, todos nos reclinamos



O sentido universal da Páscoa judaica (fragmentos)

... Os judeus fazem hoje à noite uma ceia de Pessach, e tradicionalmente se diz que ela registra "a saída dos judeus do Egito", comandados por Moisés, há uns 35 séculos. [...]

Com certeza poderíamos considerar a travessia (do Egito para a Terra Prometida, da escravidão para a liberdade) um mito de criação, desses que todos os povos, nações, religiões e etnias têm.

Claro que havia um grande movimento de povos do deserto atrás do grande oásis que era o Egito, irrigado e fertilizado pelo Nilo. Por vezes eles se integravam e se diluíam entre a população egípcia, por vezes eram expulsos quando seu trabalho não mais era necessário, como ocorre com imigrantes de países pobres em nações mais desenvolvidas. [...]

Algumas tribos com esse histórico desenvolveram língua própria, cultura específica e unificaram-se em um reino, lá pelo ano 1000 a.C., sob o comando de Saul, Davi e Salomão, este poderoso o suficiente para construir o Templo de Jerusalém. Desmandos do poder e injustiças sociais enfraqueceram as monarquias (que haviam se dividido em Israel e Judá) e propiciaram o surgimento dos chamados profetas sociais -Amós e Isaías, entre outros-, que inovaram pregando o monoteísmo ético, conjunto de valores que passaram a fazer parte do patrimônio cultural da humanidade e se encontram na própria base do judaísmo (assim como do cristianismo).

Aí voltamos para o Pessach e nos perguntamos por que essa é uma comemoração milenar.

Alguns responderão com o judaísmo institucional, que lamenta até hoje a destruição do Templo de Jerusalém e do poder monárquico, do qual os sacerdotes eram uma espécie de funcionário religioso.

Outros acenam com o judaísmo dos escribas, a letra da lei e dos seus intérpretes, que exigem rituais imutáveis. [...]

O problema é que a intermediação entre o judeu e seu Deus é a negação da essência do judaísmo (o monoteísmo ético), que busca igualar todos os homens e os estimula a ler e compreender o que leram, exatamente para ter acesso à palavra divina.

Entre o templo e os escribas, fico com os profetas.

Um povo é um grupo com a consciência de um passado comum. Não é fundamental que o passado comum tenha realmente existido, basta a consciência da existência dele: ao escolher a herança judaica, cada indivíduo passa a ser depositário de um universo de valores. [...]

Não vem ao caso se optou por seu judaísmo há um ano ou uma semana. O importante não é a origem étnica, nem a lamentação pelo templo destruído e muito menos a prática de rituais mecanicamente executados.

A grande travessia, aquela que marcou a humanidade, foi a de um mundo aético para um mundo ético, de um olhar para si mesmo para um olhar para o outro, de uma existência solitária para uma existência solidária.

Sim, Pessach é uma travessia. Que só tem sentido se for feita na companhia de todos os irmãos de raça, a raça humana.

JAIME PINSKY , historiador e editor, é professor titular aposentado da Unicamp e ex-chaver do Dror. O texto completo se encontra em http://judaismohumanista.ning.com/forum/topics/o-sentido-universal-da-pascoa-judaica-jaime-pinsky?xg_source=activity

Não Dayenu (não seria suficiente!), Kibutz Harel – Israel (1988)

- Se fosse garantido o direito de todos os povos voltarem a sua terra, mas não o direito de todos as minorias – Não Dayenu!
- Se o holocausto fosse evitado, mas se a guerra mundial não fosse evitada – Não Dayenu!
- Se fosse conseguido a paz, mas continuasse o desenvolvimento nuclear – Não Dayenu!
- Se evitássemos o desenvolvimento nuclear, mas não a fome no mundo – Não Dayenu!
- Se evitássemos a fome, mas não a prisão de poetas no mundo – Não Dayenu!
- Se fossem libertados os poetas, mas não educássemos o mundo para compreendê-los – Não Dayenu!
- Se educássemos o mundo para compreender os poetas, mas não para viver a vida em comunidade – Não Dayenu!

Pois a liberdade que buscamos é a liberdade sem sangue, sem ditaduras, liberdade para pensar, criar e viver de forma comunitária.

Os 4 filhos

Quando relacionamos os quatro filhos com a crítica ao nosso entorno com o fim de criar uma renovação, os quatro filhos se transformam em quatro chanichim;

O chanich ideológico é intuitivo e pergunta: “Qual pode ser minha função para mudar o mundo?” Para ele temos que começar a desenvolver as ferramentas com as quais poderá ser uma parte ativa dessa renovação.

O chanich desafiante e desinteressado pergunta porque todos sobre a terra tem que se preocupar. Este pobre querido está por isolar-se e é por isso que devemos mostrar porque tem que preocupar-se. Nós, ao mesmo tempo, devemos também dar a ele o cuidado que claramente está faltando na sua vida. E se mesmo isso não funcionar, talvez a revolução tenha que ocorrer sem ele!

O chanich inocente não é capaz de criticar construtivamente sua experiência, já que está muito aborrecido. Quer saber por que tudo é simplesmente tão injusto. Para ele, deve guiar cuidadosamente suas experiências. Há que mostrar como realizar escolhas justas, enquanto é lentamente exposto às realidades atuais.

E finalmente, o chanich silencioso. Que está pensando? Vê a si mesmo como envolvido? Talvez simplesmente tenha medo, está aterrorizado demais para comprometer-se com qualquer dos caminhos. Nesse caso, devemos esperar que seja guiado cuidadosa e amavelmente.

Evidentemente, esses chanichim não são seres separados, mas expressões variadas de nossas preocupações, nossas frustrações que surgem a cada dia. Quando provamos e analisamos o mundo ao nosso redor, constantemente há obstáculos que nublam o nosso caminho. É o reconhecimento das características do filho sábio em todos nós que nos conduzirá a realizar nosso sonho.

Emil Bock, 2007

10 Pragas

Todo ano relembramos a história de Pessach: desde os tempos de escravidão até o recebimento das tábuas da lei. No entanto, de que maneira poderíamos incrementar nossa comemoração? Será que uma história que se passou há mais de 3000 anos consegue ainda ser impactante?

Embora antiga Pessach possui valores e significados que podemos facilmente trazer para os dias de hoje. As 10 pragas que atormentaram o Egito antigo foram:

1. Sangue (Dam)
2. Rãs (Tsifardeah)
3. Piolhos (Kinim)
4. Animais Selvagens (Arov)
5. Peste (Dever)
6. Sarna (Shchin)
7. Granizo (Barad)
8. Gafanhotos (Arbeh)
9. Escuridão (Choshech)
10. Morte dos Primogênitos (Makat bechorot)

No entanto, o que elas representam para nós? Como podemos nos conectar e criar empatia com eventos que estão fora da nossa realidade e concepção de mundo? Para nós, as 10 pragas de hoje em dia talvez sejam:

1. Ganância
2. Desigualdade Social
3. Poluição
4. Individualismo
5. Alienação
6. Comodismo
7. Fanatismo
8. Regimes Autoritários
9. Preconceito
10. Consumismo

(Hagadá do Habonim Dror Porto Alegre – 2011)

2º Copo – Socialismo

Bendizimos nossa emancipação da escravidão e nossa liberdade de escolher e definir nossas vidas e nosso destino. Celebramos nossa liberdade para ser pioneiros ativos e dar lugar à justiça social, liberando a outros da opressão e construindo uma sociedade melhor (*Choveret de Pessach do Habonim Dror Olamit*). Por isso dedicamos essa segunda taça a luta pela liberdade e igualdade entre todos os seres humanos.

A Matzá

Esse é o pão da pobreza que comeram nossos antepassados no Egito.
Todo aquele que tenha fome que venha e coma.
Todo aquele que necessita que venha e faça pessach.
Esse ano aqui, no próximo na terra de Israel
Esse ano somos escravos, no próximo seremos livres.

Todos já conhecem diversas interpretações da matzá. Introduzemos então uma nova, um conceito criado por Sarah Michaels (Habonim Dror Olamit). Ela compara o pão fermentado com a utopia. A matzá é a realidade, uma que aqueles que saíram do Egito não conseguiram mudar, quem conseguiram foram seus descendentes.

Com isso, queremos dizer que as utopias não devem ficar “flutuando”. Pelo contrário, devemos baixa-las a terra e lutar para transforma-las em realidade, ainda que as vezes saibamos que não veremos os resultados pessoalmente. Se realmente temos consciência social, devemos tratar de aproximarmos nossas utopias, ainda que quem as verá na prática não sejamos nós, mas sim as próximas gerações.

3º Copo – Sionismo

Bendizemos não somente a liberdade da escravidão do Egito, mas também a liberdade da autodeterminação em um Estado soberano, o Estado de Israel. Comprometemos-nos a continuar sendo ativos fazendo de Israel um país para se ter orgulho, de modo que autodeterminação não abra caminho para onipotência nem xenofobia. Por isso dedicamos essa terceira taça ao Estado de Israel e que possa vir a ser uma luz para as nações em termos em democracia, paz com seus vizinhos e justiça social.

Beitzá

Uma vez que o rabino Meir Shapira de Lublin foi perguntado: "Por que os judeus comem ovo na noite do Seder?" Rabi Meir respondeu: "Os judeus se comparam a um ovo. O ovo, quando é cozido, torna-se mais difícil. O mesmo acontece com as pessoas de Israel: mais eles são torturados, mais duro e mais forte tornam-se". (*Hagadá Beit Há'am*)

Zeroá

Zeroá é um osso cozido. A pata do animal nos recorda a importância que é a firmeza e perseverança na hora de cumprir determinado objetivo.

Com braço firme saímos do Egito.

Com braço firme escapamos da Shoá.

Com braço firme criamos Medinat Israel.

Com braço firme sairemos diante dos nossos problemas de hoje e de amanhã.

(Hagadá Habonim Dror Uruguai – 2012)

Avadim Hayinu

עבדים היינו, היינו, עתה בני חורין, בני חורין, עבדים היינו, עתה, עתה בני חורין, בני חורין.	Avadim hayinu, hayinu Ata b'nai chorin, b'nai chorin. Avadim hayinu Ata, ata, b'nai chorin Avadim hayinu Ata ata b'nai chorin, b'nai chorin.	Fomos escravos, fomos, Agora somos livres, somos livres
--	---	---

Women of the Wall – uma reflexão atual

Women of the Wall (Nashot Hakotel) é uma ONG baseada em Israel composta por mulheres judias que lutam pelo direito de mulheres poderem usar Talit, lerem da Torá e rezarem coletivamente e em voz alta no Kotel (muro das lamentações), tal qual podem os homens. O grupo nasceu principalmente de integrantes de congregações reformistas e conservadoras, nas quais tais práticas são aceitas, mas conta hoje com pessoas de todas as correntes judaicas, religiosas ou não.

Desde 1988 o grupo se encontra para rezar no Kotel todo Rosh Chodesh (início do mês no calendário hebraico). Nessas ocasiões, essas mulheres são constantemente agredidas verbalmente e ocasionalmente até fisicamente, e frequentemente são detidas pela polícia. Isso, pois certos setores da ortodoxia que coordenam o funcionamento da área do Kotel não aceitam as práticas desse grupo e então utilizam todos os artifícios (legais ou não) para impedi-las. Recentemente o grupo ganhou mais notoriedade e no último Rosh Chodesh contou com o apoio e participação de 3 parlamentares (dos partidos Meretz e Avodá).

Não se trata aqui de entrar em uma discussão talmúdica, filosófica ou sócio-política sobre a opinião de cada um sobre o uso de talit ou as rezas em voz alta por parte de mulheres. Tampouco se trata de um embate entre não-ortodoxos contra ortodoxos. A questão gira em torno da liberdade de cada um praticar o judaísmo da forma como lhe for mais significativa. É um embate entre um judaísmo pluralista e um judaísmo no qual alguns são os “proprietários” no direito de definir as práticas “corretas”; e expandindo o âmbito da discussão, um embate entre democracia e teocracia no Estado de Israel.

Em Pessach, celebramos a liberdade do povo judeu da escravidão no Egito. Mas, em pleno século XXI, em Israel, o país que deveria ser o último no qual a liberdade para ser judeu seria posta em questão, nem todos são livres para serem judeus a sua maneira em pleno Kotel, patrimônio não de uma corrente, mas de todo povo judeu, talvez de toda humanidade.

Por isso, neste Pessach, nos solidarizamos com o Women of the Wall na luta por um judaísmo (e um Estado de Israel) democrático, igualitário, plural e humanista.

Maror

Maror são ervas amargas. Simbolizam a amargura e a vida indigna, não somente dos nossos antepassados no Egito, mas também que passam hoje em dia (ou passaram ao longo da história) diversos povos e grupos de pessoas que recebem maus tratos e são oprimidos. O objetivo de recordar a amargura dos outros não é o simples fato de nos amargarmos também, mas pelo contrário, de recordar nossa missão nesse mundo de por ainda mais ênfase no nosso trabalho social e no tikun olam.

Charoset

Mistura de nozes, canela, vinho, gengibre e maçã ralada. Ela representa a argila e a argamassa feita pelos israelitas para construir as cidades egípcias. Também nos lembra que muitos seres humanos ainda são forçados à, através do seu trabalho, construir o “império” dos outros. Não necessariamente se utilizam hoje de tijolos, mas são os trabalhadores que por um salário que mal lhes serve de subsistência, produzem bens que podem ser comprados por nós em qualquer Shopping Center.



4o Copo – Profeta Eliyahu

No seder de Pessach é costume que haja 4 copos de vinhos, e tradicionalmente o quarto se reserva para Eliyahu Anavi. No nosso caso, a quarta taça quer servimos mas não bebemos, utilizamos para brindar pela justiça social.

O que pode significar para nós deixar um copo sem beber?

Deixamos uma taça sem beber porque dessa forma o seder não tem uma culminação, dessa forma representamos que nem tudo está completo.

É bom recordar, nos momentos de alegria e nos festejos como é Pessach, àqueles que não podem celebrar sua liberdade e a liberdade de seu povo. É por isso que deixamos um copo sem beber, gerando consciência de que ainda há gente que não chegou para festejar conosco, que ainda não goza desta liberdade. (*Hagadá do Habonim Dror Uruguai – 2011*)

Afikoman

A Mishná diz que é proibido comer após o afikoman o korban ha pessach. Mas hoje no seder, acabamos comendo o afikoman, o pedaço de matsá que quebramos em lachatz. Como podemos explicar essa contradição? E o que significa a palavra afikoman?

Já no Talmud pode-se ver uma divisão de idéias sobre esta questão entre os sábios:

A maioria opina que o afikoman é um costume grego de visitar várias casas durante a noite (como a Mimuna marroquina). **Depois** (em grego **afi-**) da comida do Simpósio (jantar grego), os gregos faziam uma **procissão (Koman** em grego), em que eles iam para casas de amigos e comiam lá.

Porque não se podia comer depois do Korban de Pesach? Porque o korban era a parte mais importante da noite e tinha que ficar o sabor do korban até ao fim do jantar. Mas como o korban saiu do menu de pesach com a destruição do templo, se entendeu a palavra afikoman como sobremesa, então se come como sobremesa a matzá para substituir o korban de Pessach.

(Hagadá Beit Há'am)

Echad Mi Iodea

<http://www.youtube.com/watch?v=1XU-3luzPEE>